



TRADIÇÃO EM
COMPARTILHAR
CONHECIMENTO

Catherine Millot

A VIDA COM LACAN

Tradução:
André Telles



Houve um tempo em que eu tinha a sensação de ter apreendido o ser de Lacan em sua essência. De ter uma espécie de intuição de sua relação com o mundo, um acesso misterioso ao lugar íntimo de onde emanava sua ligação com os seres e as coisas, e também com ele próprio. Era como se eu houvesse deslizado para dentro dele.

Essa sensação de apreender sua essência ia de par com a impressão de estar compreendida, no sentido de estar integralmente incluída nessa sua compreensão, cuja extensão me ultrapassava. Seu espírito – sua amplitude, sua profundidade –, seu universo mental, englobava o meu como uma esfera que contivesse outra menor. Descobri uma ideia similar na carta em que Madame Teste* fala de seu marido. Como ela, eu me sentia transparente para Lacan, convencida de que ele detinha um saber absoluto a meu respeito. Não ter nada a dissimular, nenhum mistério a preservar, dava-me uma total liberdade

* Personagem do romance *La Soirée de Monsieur Teste*, de Paul Valéry, no qual ele busca decifrar as menores particularidades da mente de um homem, Monsieur Teste. A carta mencionada é um anexo a esse romance. (N.T.)

com ele, mas não só. Uma parte essencial de meu ser lhe era entregue, ele tinha sua guarda, eu me sentia aliviada. Vivi a seu lado anos a fio nessa leveza.

Um dia, contudo, ele estava manipulando as rodelas de barbante que ele tanto gostava de modelar e, de repente, me disse: “Está vendo, isso é você!” Eu era – como qualquer um, não importa quem – aquele real que escapava ao seu controle, que tanto mal lhe fazia. Vi-me bruscamente compelida a levar em conta o que em mim lhe resistia como só o real resiste.

Quando digo “seu ser”, o que entendo por isso? Sua particularidade, sua singularidade, o que nele era irreduzível, seu peso de real. Quando hoje tento apreender novamente esse ser, é seu poder de concentração que retorna, sua concentração quase permanente em um objeto de pensamento que ele nunca abandonava. Com o tempo, ele se simplificara ao extremo. De certa maneira, não era nada além disso, essa concentração no estado puro. Ela se confundia com seu desejo, o qual tornava tangível.

Eu a encontrava em sua maneira de andar, projetado para a frente, a cabeça primeiro, como se carregado por seu peso, recuperando o equilíbrio no passo seguinte. Nessa própria instabilidade, contudo, via-se determinação, ele não se afastava uma polegada de seu caminho, ia até o fim, sempre em

linha reta, indiferente aos obstáculos, que ele parecia ignorar e que, de todo modo, não lhe inspiravam qualquer consideração. Gostava de lembrar que era do signo de Capricórnio.

A primeira vez que o vi caminhando foi nas trilhas de Cinque Terre, na Itália, para onde ele arrastava, depois do almoço e sob um sol inclemente – estávamos em agosto –, as pessoas de seu círculo, que não ousavam protestar. Liderava a marcha, com uma determinação feroz. Os riscos de insolação, para ele mesmo ou para os outros, não eram sequer avaliados. Íamos assim de uma aldeia costeira a outra pelas colinas que sobranceavam o mar, e voltávamos no trenzinho local.

Naquele verão ele praticou esqui aquático na enseada de Manarola: segurando com firmeza a alça da corda e, como de hábito, sem desviar do percurso, sempre em linha reta. No inverno seguinte, nas encostas de Tignes, parecia conhecer apenas o *Schuss*,* que havia alguns anos lhe valera uma fratura na perna. Fora nessa época que Glória, sua secretária, começara a trabalhar para ele. O fato de estar imobilizado deixava-o furioso e ele descarregava seu humor de cão na infeliz, que perdeu a paciência: um dia ele estava deitado na cama, com a perna engessada, e ela a agarrou, levantou e soltou bruscamente. Pasma diante

* Em alemão no original: impulso, ímpeto. (N.T.)

daquela mulher que não se deixava intimidar, Lacan logo mudou o tom e passou a tratá-la com um interesse súbito, fazendo-lhe perguntas sobre suas origens e sua história. Um laço de fidelidade indefectível se estabeleceu entre eles aquele dia.

Mais tarde, acompanhei-o com frequência de sua casa de campo, em Guitrancourt, até o campo de golfe do qual era sócio, embora nunca jogasse. O golfe era apenas um pretexto para o passeio. Mas “passeio” tampouco é o termo. Também nesse caso, ele partia em linha reta, cabeça baixa, através dos bosques e campos, embrenhando-se nas matas ou pisoteando montinhos recém-semeados, sem jamais desviar do caminho. A propósito, eu me perguntava como ele se orientava para não se perder. Seguia-o calçando botas de borracha, enquanto ele emporcalhava sem cerimônia seus belos sapatos feitos sob medida. Ao chegar ao campo de golfe, telefonava para Jesus, o segurança de Guitrancourt, seu “bom Jesus”, como gostava de chamá-lo, que nos buscava de carro.

Não era diferente quando dirigia. Cabeça projetada, agarado ao volante, desprezando os obstáculos, como dizia uma de minhas amigas, sem nunca aliviar o pé do acelerador, sequer diante de um sinal vermelho, para não falar das preferências. A primeira vez, na autoestrada, a aproximadamente duzentos por hora, fui tomada por um riso nervoso que mal

consegui disfarçar. Mas mesmo que eu tivesse gargalhado ele não teria notado, de tal forma estava concentrado.

Um dia, contudo, viu-se obrigado a dar uma freada para não bater no carro à nossa frente, que desacelerara bruscamente. Mas como frear não era o seu forte, o carro derrapou, a sensação de invulnerabilidade que eu tinha quando estava ao seu lado desapareceu por completo. Comecei a ter medo e os trajetos de carro tornaram-se um suplício. Não adiantava implorar que reduzisse a velocidade. Sua enteada, Laurence, em outra ocasião, arriscara uma estratégia: pedira-lhe para ir mais devagar para que pudesse “ver a paisagem”. Ele respondera: “Olhe com atenção.”

Uma única vez, em minha companhia, ele foi parado na autoestrada pela polícia, na volta de Guitrancourt. Domingo à noite, como a rodovia estava sempre engarrafada, ele tinha o hábito de pegar o acostamento e deixar para trás a fila de carros parados, enquanto os motoristas, furiosos ao se verem ultrapassados pela direita, davam bruscos golpes de direção e obstruíam seu caminho, provocando o risco de uma colisão. Aquela noite, fomos conduzidos ao posto policial perto do túnel de Saint-Cloud, onde ele esperou uma eternidade antes de poder alegar uma emergência médica que justificasse a infração. Não deu mostras de impaciência durante essa espera. Às vezes o real pode assumir o semblante da polícia.

Sua maneira de dirigir era parte de sua ética. Não foi à toa que, à guisa de alegoria, ele contou para seu analista Rudolph Loewenstein, peso pesado da IPA, o seguinte episódio: num túnel, ao volante de seu carrinho, ele percebe vindo em sua direção um caminhão fazendo uma ultrapassagem. Continua a pisar no acelerador e obriga o outro a se recolher. Embora lembre uma queda de braço, a mensagem principal era que ele não se intimidava e não se curvava a nenhuma força.

Ele me contou essa história numa época em que ainda falava muito de si mesmo. Contou também um incidente recente que o deixara amargurado. Dois delinquentes haviam irrompido em seu consultório por volta das sete da noite, empurrando Paquita, que abria a porta depois que Glória ia embora no fim do dia. Haviam entrado em sua sala, onde ele estava na companhia de Moustapha Safouan, que fazia um controle com ele. Os delinquentes pretendiam lhe extorquir dinheiro, apontando-lhe um revólver. Ele respondeu que não conseguiriam nada sob ameaça, que estava velho e não se importava em morrer. Um deles desferiu-lhe um soco no queixo que não o fez mudar de ideia, mas lhe causou uma luxação no maxilar que o incomodou durante muito tempo. Safouan, para sair do impasse, teve a ideia de fazer um cheque, o que permitiu aos agressores baterem em retirada sem humilhação.

Lacan me relatara esse incidente em resposta à minha pergunta sobre o soco-inglês de que ele jamais se separava. Foi depois dessa agressão que ele se equipou com um. A arma se juntara, no bolso de sua calça, ao lenço, ao molho de chaves e ao multicanivete de tartaruga da marca Peter, protegido por um estojo de pele, bem como a um encantador *netsuke* triangular em madeira de buxo, super suave ao toque, que lembrava uma banda de Möbius achatada.

Até mesmo Pierre Goldman* alimentara um plano para extorquir Lacan. Mas ficou desarmado ao ver o homem de cabelos brancos descendo a escada do número 5 da rue de Lille, inteiramente absorto em sua reflexão. A majestade austera do pensador deteve seu gesto. Ela superava em muito a reputação do homem público, sua suposta riqueza, que atiçava a crítica e a cobiça.

O soco-inglês era sempre um problema quando ele passava pelos detectores de metal dos aeroportos, disparando ritualmente o alarme. Lacan era obrigado a esvaziar os bolsos. A arma, na época, não era confiscada, permanecendo aos cuidados de uma aeromoça durante o tempo da viagem e sendo devolvida a seu dono na chegada.

* Pierre Goldman (1944-79) foi um intelectual de extrema-esquerda que degenerou para a delinquência, tendo morrido assassinado. (N.T.)

Embora nenhuma proibição ou limite convencional o fizessem desviar de seu percurso, ele de todo modo sabia reconhecer o real que lhe barrava o caminho. Talvez justamente porque as proibições não entravam em consideração é que ele estava em conexão direta com o que se tornou, com o tempo, o objeto principal de sua reflexão. O real era coisa séria, valia a pena ser levado em conta. O real é aquilo contra o qual nada podemos, com que nos chocamos, é o intransponível, o impossível de contornar, de negociar. Para ele, tanto na vida como numa análise, tratava-se de alcançá-lo, esse indestrutível núcleo da realidade, e tudo o que o isola, o mantém à distância ou mascara pertence à esfera da frivolidade.

Para mim, a principal amostra dessa postura se revelou em sua forma de visitar os museus e igrejas na Itália. Como é sabido, os horários de visita lá são irregulares e, mais que isso, raramente respeitados. Lacan também não os respeitava, fazendo de tudo para que lhe abrissem as portas, a maioria das vezes com sucesso. Não lembro mais como ele fazia, mas sabia ser persuasivo, embora fosse raro encontrar alguém a postos. Aprendi que uma porta fechada podia se abrir para quem pedisse com suficiente convicção. Pedir era um sésamo. Ao que me lembre, houve apenas uma vez em que a coisa quase acaba mal. Lacan tinha envelhecido, a teimosia prevalecia sobre a

flexibilidade da negociação, quis passar à força e quase despençou escada abaixo empurrado por um guarda para quem sua idade não era argumento.

A primeira igreja que visitei com ele foi Sant'Agostino, em Roma, onde se encontra a *Madona dos peregrinos*, de Caravaggio. Nessa ocasião, excepcionalmente, estava aberta. Lacan contemplou por longo tempo o quadro instalado sobre um altar. O pé descalço da Virgem cativava-o. Pediu ao sacristão ali presente que lhe trouxesse uma escada para vê-lo mais de perto. Este resistiu um pouco, depois cedeu, rindo ante aquela solicitação inusitada. Lacan subiu na escada e examinou detidamente aquele pé que o intrigava por uma razão que permaneceu misteriosa para mim, pois ele não fez qualquer comentário.

Na galeria Borghese é possível ver outro Caravaggio, diante do qual Lacan também se deixava ficar, que apresenta semelhanças com o de Sant'Agostino. Trata-se da *Madona dos palafreiros*. Em ambos os quadros, a Virgem é uma mulher forte e morena, com o semblante grave, cujo modelo foi Lena, amante do pintor. O Menino Jesus não tem nada de bebê, é grande demais e certamente pesado demais para ser carregado, mesmo por uma mulher robusta. No primeiro quadro, a perna dobrada da Virgem o apoia, impedindo que escorregue, enquanto no segundo ela o sustenta por baixo dos braços, como

fazemos para ajudar uma criança a dar seus primeiros passos. Na *Madona dos palafreiros*, o pé descalço da Virgem esmaga a cabeça de uma serpente, ilustrando o versículo bíblico: “E porei inimizade entre ti e a mulher.” O pé do Menino Jesus está pousado no da Virgem como se ele apoiasse o gesto da mãe. Um dia Lacan fez alusão a isso, por ocasião de uma conferência em Genebra.* “A Virgem Maria, com seu pé sobre a cabeça da serpente, isso significa que se amparava nela”, declarou. Nos dois quadros, a beleza e a força dos pés descalços da Madona impressionam. Pergunto-me hoje se Lacan, empoleirado em sua escada, não procurava o rastro da serpente sob o pé da *Madona dos peregrinos*.

* Trata-se da conferência “O sintoma”, pronunciada em 1975. (N.T.)

Naquele verão, Lacan me fez descobrir Roma, cidade pela qual me apaixonei. Eu já passara uma temporada lá, mas ninguém me abrira suas portas como ele o fez. Vimos, claro, todos os Caravaggio de Roma, os de San Luigi dei Francesi, os da piazza del Popolo e aqueles, incontáveis, de todos os museus, em especial o *Baco* da galeria Borghese e a *Madalena arrependida* da galeria Doria Pamphili, na época quase sempre deserta, onde as telas eram dispostas, à moda antiga, uma acima da outra, cobrindo as paredes.

Ele parecia conhecer tudo de Roma e me levou a todos os lugares. De manhã, consultava um guia em italiano com capa vermelha, *Roma e dintorni*, e escolhia os locais de nossas visitas do dia. Em cada igreja, museu ou monumento, detinha-se apenas diante de algumas obras, que observava demoradamente e sempre em silêncio. Foi só depois, ao descobrir seus seminários, que percebi que ele comentara, às vezes em diversas ocasiões, este ou aquele quadro diante do qual eu o vira estacar. Por exemplo, na galeria Borghese, *Eros e Psiquê*, de Zucchi. Concentrava igualmente sua aten-

ção em *A caça de Diana*, de Domenichino, no qual é possível vislumbrar Acteon escondido nas moitas prestes a ser metamorfoseado em cervo. O encanto das figuras femininas, em especial o das duas meninas em primeiro plano, embaixo à esquerda, torna ainda mais perturbadora a energia impetuosa e cruel que emana do quadro. A versão do feminino nele sugerida coincidia com as ideias de Lacan sobre a questão. O *Apolo e Dafne*, que representa outra metamorfose, também prendia sua atenção todas as vezes que íamos à Villa Borghese.

Lacan apreciava particularmente as obras de Bernini. Não se cansava de contemplar, na piazza Navona, nas proximidades do hotel Rafael, onde gostava de se hospedar, a fontana dei Quattro Fiumi, com seu maravilhoso bestiário. Retornava sempre ali, como quem volta à fonte, e esse era o ponto de partida e de chegada de todos os nossos périplos.

Da mesma forma, passávamos horas na magnificência austera do Palatino ou da Domus Aurea, que ainda não havia sido estragada pelas restaurações e iluminações despropositadas. Subsiste igualmente em minha memória a visita à basílica de São Clemente de Latrão, que encerra em suas profundezas outra basílica paleocristã e, sob esta, os vestígios de um templo consagrado ao culto de Mitra. Esses estratos evocavam o modelo arqueológico do inconsciente freudiano.

Lacan também me levava a lugares mais secretos. Por exemplo, me fez descobrir uma anamorfose bem conhecida dos especialistas, no convento da Trinità dei Monti. Trata-se de um afresco de Emmanuel Maignan, que, visto de frente, representa são Francisco de Paula. Se nos deslocamos lateralmente, é toda uma paisagem que se revela nas pregas do manto do santo: uma torre, personagens num porto, um barco.

Essa pintura mural se encontra num corredor do convento que abriga as irmãs do Sagrado Coração desde o fim da ordem dos Mínimos, fundada por são Francisco de Paula. A clausura não era estrita nessa congregação educadora, e Lacan não teve dificuldade em obter a chave que lhe dava acesso. No fim do dia, tirou-a do bolso e me mostrou como um troféu. Não sei como, tinha conseguido sair sem devolvê-la. Ele não gostava de portas fechadas, assim como não gostava de sinais vermelhos. A clausura era um desafio que ele aceitara, sugerindo maliciosamente que só dependia dele violá-la, aproveitando-se da noite. Na manhã seguinte, foi devolver a chave à irmã zeladora, que se divertiu discretamente com aquela travessura.

Lacan tinha grande apreço pela Roma católica. A tal ponto que fomos visitar um cardeal conhecido seu, com quem deixara um exemplar dos *Escritos* para que o entregasse ao papa. Esse homem, um francês membro da cúria, era servido por

irmãs, que abriram a porta para nós e nos introduziram em seus aposentos. De sua janela aberta, ouvia-se o barulho da vizinhança, gritos de crianças e estrépitos de vozes femininas, rumores da vida que pareciam encantar esse prelado, não sem uma sombra de nostalgia.

Lacan me levou a um restaurante frequentado por bispos e cardeais de sotaina e mantido por uma congregação. Esse restaurante se chamava L'Eau Vive. Ainda existe. Lá, éramos servidos por belas jovens adolescentes da África ou da Ásia, vestindo trajes típicos de seu país de origem, bem como por europeias trajando túnicas vagamente romanas. A atmosfera era discretamente erótica. Eu imaginava que fossem ex-prostitutas arrependidas. A realidade, como quase sempre, é pior que a fantasia. Soube recentemente que, originárias de ex-colônias, eram recrutadas muito novas por uma comunidade intitulada Família Missionária Donum Dei, filiada à ordem do Carmo, que congrega ao mesmo tempo religiosos e leigos. Sem pronunciar votos definitivos, essas moças, cuja virgindade é uma exigência, são intimadas não só a levar uma “vida consagrada”, o que significa votada ao celibato e à castidade, como também, entre uma oração e outra, a aceitar um trabalho não remunerado na rede de restaurantes disseminada no mundo sob o nome de L'Eau Vive. A fronteira entre vida religiosa e escravidão é difusa aqui.

João Paulo II, na época em que era arcebispo de Cracóvia, frequentava muito esse restaurante quando estava em Roma. Ao se tornar papa, chamou as meninas que trabalhavam lá para assistir, no Vaticano, a uma missa rezada especialmente para elas. Agrada-me pensar que esbarramos com ele sem saber (as datas coincidem) nesse lugar que tinha um charme infalível, a despeito de sua ambiguidade. À noite, durante o jantar, o serviço era interrompido para dar lugar à oração e aos cânticos. Prelados, políticos da democracia cristã, diplomatas junto à Santa Sé ali se reuniam ou se encontravam, fazendo desse restaurante um ponto de encontro da sociabilidade eclesiástica. Isso divertia tanto a Lacan quanto a mim, e voltamos lá diversas vezes ao longo dos anos.

Mas seu restaurante romano preferido era o Passetto, perto da piazza Navona. Foi o local do nosso primeiro encontro romano, um encontro telefônico. Ele estava em Manarola, enquanto eu estava hospedada na casa da minha amiga Paola Carola, no Janículo. Ele me convidara para ir almoçar no Passetto e lá receber seu telefonema. Sendo conhecido, ele tinha uma conta no restaurante numa época em que os cartões de crédito não eram popularizados. Esse pequeno detalhe me impressionou, bem como aquele encontro à distância que ele planejava.